



ESTUDOS FORMAIS NO BRASIL: O III ENCONTRO DE GRAMÁTICA GERATIVA

DOSSIER FORMAL STUDIES IN BRAZIL:
THE 3RD GENERATIVE GRAMMAR MEETING

Lílian Teixeira de Sousa¹

Universidade Federal da Bahia

Carlos Felipe Pinto²

Universidade Federal da Bahia/CNPq

Sílvia Cavalcante³

Universidade Federal do Rio de Janeiro

INTRODUÇÃO

A Teoria da Gramática Gerativa, iniciada por Noam Chomsky na década de 1950 no contexto da Segunda Revolução Cognitiva, abriu caminho para uma perspectiva bastante forte nos estudos linguísticos que passou a pensar as línguas

¹ liliantsousa@gmail.com.

² cfpinto@ufba.br. Bolsista de Produtividade em Pesquisa PQ-2/CNPq Processo 317607/2021-9.

³ silviare@gmail.com.

humanas a partir dos processos mentais que as produzem e não apenas a partir dos dados concretos nos quais se materializam (cf. CHOMSKY, 1986, 1997).

Em Chomsky (1957), se propõe inicialmente que a sintaxe é o estudo dos princípios pelos quais orações são construídas em línguas particulares, que as gramáticas das línguas equivalem a sistemas computacionais que lidam com elementos discretos finitos na construção de infinitas orações de uma língua.

Chomsky (1965) aprofunda suas proposições apresentando uma teoria da sintaxe que assume que as línguas humanas são adquiridas pela criança durante a infância devido a uma propriedade cognitiva inerente à espécie humana para a linguagem: a faculdade da linguagem.

Nesse modelo teórico, a linguagem humana em geral e as línguas particulares em específico são estudadas na perspectiva biológica/cognitiva, pertencentes aos códigos genéticos do ser humano. A capacidade para usar a linguagem e para adquirir línguas é produto da natureza; porém, a aquisição de uma língua particular só se dá na existência de uma interação entre a capacidade inata com os dados linguísticos específicos obtidos a partir do convívio social. De todas as formas, o que se assume, portanto, é que a capacidade para a linguagem é uma dotação genética humana, configurada para funcionar de uma maneira específica, assim como os demais órgãos (cf. CHOMSKY, 1975), e essa capacidade humana determina os limites das possibilidades de variação e idiosincrasias encontradas em diferentes línguas particulares.

Chomsky (1965) apresenta uma questão importante: uma teoria linguística, para além de descrever adequadamente as orações produzidas por uma determinada gramática (o critério de adequação descritiva), deve explicar como as crianças, que nascem com o mesmo estado cognitivo para a linguagem, são capazes de atingir gramáticas diferentes durante o período de aquisição da linguagem (o critério de adequação explicativa).

A partir dos anos 1980, com a proposição do Modelo de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), a Gramática Gerativa passou a assumir (e constatar!) que há propriedades universais que todas as línguas devem satisfazer (os Princípios) e que há uma quantidade relativamente pequena de propriedades abertas à variação conforme as línguas (os Parâmetros).

Nos anos 1990, o Modelo de Princípios e Parâmetros dos anos 1980 (que ficou conhecido como Teoria da Regência e Ligação) passou por algumas reformulações importantes, especialmente no que diz respeito aos critérios de adequação, culminando no que ficou conhecido como Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995). Nesse modelo, não houve uma alteração conceitual do que sejam Princípios e Parâmetros, mas sim uma reinterpretação de como a faculdade da linguagem funciona nesses moldes, de maneira mais econômica, elegante e empiricamente motivada. A Teoria da Regência e Ligação e o Programa Minimalista são, portanto, versões do mesmo modelo teórico de Princípios e Parâmetros.

Desde os seus inícios, a Teoria da Gramática Gerativa entrou em interação com diversas outras teorias, promovendo discussões muito ricas para o desvendamento de diferentes aspectos da linguagem humana. A partir dos anos 1970, a área de aquisição de segunda língua teve muita influência da perspectiva gerativista. O quadro gerativista também esteve, desde o final da década de 1970, interessado com a mudança linguística. Nos anos 1980, o quadro da sociolinguística histórica também recebeu grandes influências gerativistas, quando passou a focalizar a mudança linguística como um produto do falante. A partir desse momento também a Gramática Gerativa começa a se preocupar com o tema da variação intralinguística, especialmente na visão paramétrica.

O quadro gerativista hoje reúne uma complexidade de perspectivas formais para o estudo da linguagem que dialogam com diferentes áreas da linguística e de fora dela: pragmática/estrutura da informação; sociolinguística;

linguística histórica; computação; estatística; neurociências etc. Além disso, é uma perspectiva teórica que se desdobra em diferentes formas de abordar a faculdade da linguagem: minimalismo; cartografia das estruturas sintáticas, nanosintaxe etc. É um equívoco, portanto, insistir que o gerativismo, 65 anos depois, continua estudando o falante-ouvinte ideal numa comunidade linguística relativamente homogênea.

Os pesquisadores brasileiros refletem com precisão os desdobramentos teóricos realizados pelo modelo, oferecendo contribuições de primeira linha para as reflexões sobre as propriedades da faculdade da linguagem, para a explicação de fenômenos do português brasileiro e também para discussões importantíssimas no âmbito da Linguística Histórica.

1 OS ENCONTROS EM GRAMÁTICA GERATIVA

Kato e Ramos (1999) fazem uma retrospectiva dos 30 anos de Gramática Gerativa no Brasil. Segundo as autoras, os primeiros textos sobre a teoria foram de Miriam Lemle e Mattoso Câmara Jr. e começaram a circular no Brasil em 1967. A partir de 1970, começam a ser formados os primeiros doutores na área (Eunice Pontes, Leila Bárbara e Mary Kato), momento em que muitos professores estrangeiros, especialmente americanos, se encarregam do ensino e da pesquisa no modelo gerativista no país. Ainda na década de 1970, outros pesquisadores (Antônio Carlos Quicoli, Milton Azevedo, Margarida Basílio e Mariza Pimenta-Bueno) retornam de seus estudos de doutoramento nos Estados Unidos. Assim, pelo menos desde o final da década de 1970, se instalam os primeiros centros de pesquisa em Gramática Gerativa no Brasil: PUC-SP, UFMG, UFRJ e UNICAMP⁴.

⁴ Carvalho e Sousa (2018) fazem uma retrospectiva dos 30 anos do Grupo de Trabalho de Teoria da Gramática da ANPOLL e também oferecem informações históricas interessantes para o conhecimento da área.

Esses quatro pólos principais passaram a formar, entre os anos de 1980 e 1990 um novo contingente de pesquisadores que se dedicaram ao estudo das línguas em diferentes aspectos (sintaxe, semântica, morfologia, fonologia...) e perspectivas (descrição, aquisição, mudança, variação...), inclusive pensando teoricamente o modelo.

Ao final dos anos 1990, a área de Gramática Gerativa contava, no Brasil, com uma quantidade robusta de pesquisadores, formados no país ou no exterior, que deram continuidade ao trabalho iniciado timidamente duas décadas antes, renovando cada vez mais o quadro de pesquisadores com a formação de novos recursos humanos.

Atualmente, podem ser destacadas as seguintes universidades como os principais centros de pesquisa, com sólidos Programas de Pós-Graduação que desenvolvem pesquisa e orientação na área de Gramática Gerativa no Brasil: UFBA, UFMG, UFPR, UFRGS, UFRJ, UFSC, UnB, UNICAMP, USP.

A Universidade Federal da Bahia (UFBA) inicia o ensino de Gramática Gerativa entre os anos 1970 e 1980 pelas mãos de Claiz Passos e Emiliana Passos. Em 1988, Ilza Ribeiro, professora da Universidade Estadual de Feira de Santana, orientada pelas duas professoras, defende uma Dissertação de Mestrado sobre o infinitivo flexionado no português brasileiro. Em 1995, Ilza Ribeiro defende sua Tese de Doutorado sobre o efeito V2 no português arcaico, sob orientação de Charlotte Galves na UNICAMP e, em 2002, ingressa como Professora Adjunta de Linguística na UFBA.

Desde seu ingresso no Programa Para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR), fundado por Rosa Virgínia Mattos e Silva, Ilza Ribeiro orientou diversos trabalhos sobre sintaxe histórica no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA e, após seu ingresso como professora concursada, passou a ministrar disciplinas de introdução à Gramática Gerativa em nível de graduação e pós-graduação, iniciando a formação de um quadro de

pesquisadores robustos, alguns dos quais atualmente são professores concursados da própria UFBA.

Considerando seu estado de saúde, em 2015, um grupo de ex-orientandos de mestrado e doutorado, já professores da UFBA, decidiram organizar o I Encontro de Gramática Gerativa em homenagem à Ilza Ribeiro, no qual compareceram diversos de seus colegas e colaboradores. Ilza orientou 16 Dissertações de Mestrado, 6 Teses de Doutorado, 23 Monografias de Especialização e 38 Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação. Foi Bolsista de Produtividade em Pesquisa (chegando à categoria 1C) do CNPq.

Devido à grande adesão ao evento, o grupo decidiu que realizaria edições do Encontro bianualmente, homenageando pesquisadores destacados na área de Gramática Gerativa no Brasil, e foi realizado, em 2018, na cidade de Cachoeira-BA, o II Encontro de Gramática Gerativa tendo como homenageada Charlotte Galves.

Em 2021, procurando restabelecer a proposta inicial de encontros bianuais, foi organizado novamente na UFBA o III Encontro de Gramática Gerativa cujas homenageadas foram Sonia Cyrino e Maria Eugênia Duarte, pesquisadoras de reconhecida envergadura sobre a sintaxe do português, seja em perspectiva sincrônica ou diacrônica.

Pouco antes do III Encontro de Gramática Gerativa, encontramos na Tese de Professor Titular de Maria Eugênia Duarte o que havia inspirado a realização da primeira edição e o que nos animou a dar continuidade:

“Minha pesquisa não foi pioneira; já em 1978, Nelize Omena tinha defendido uma dissertação sobre o tema sob a orientação de Anthony Naro, na PUC-RJ, e tão logo tomou conhecimento desse fato, Tarallo me fez vir ao Rio e pegar uma cópia na PUC. Aprendi com ele uma coisa importante: “Se você tem conhecimento de um trabalho que precede o seu, corra até encontrá-lo e não deixe de lhe dar a devida precedência”. (DUARTE, 2011, p. 4)

Os Encontros em Gramática Gerativa, que contam sempre com a participação de pesquisadores e estudantes de diversos lugares do país, são realizados nesse espírito. Queremos congregamos colegas e amigos, pesquisadores da área, para discutir suas pesquisas, apresentar os avanços obtidos e reconhecer também o trabalho daqueles que ofereceram contribuições fundamentais para o avanço da área no Brasil. Os Encontros reúnem trabalhos em diferentes perspectivas dos estudos formais refletindo, com muita precisão, a solidez com que a área conta na atualidade em nosso país.

2 AS HOMENAGEADAS DO 3EGG

A seguir, fazemos uma breve apresentação das homenageadas do III Encontro de Gramática Gerativa, realizado entre os dias 1 e 3 de setembro de 2021 na Universidade Federal da Bahia,

2.1.1 Homenageada I: Sonia Cyrino

Como mencionado nas seções anteriores, a Teoria Gerativa ganha espaço no Brasil a partir da década de 1970 e o estudo do Português Brasileiro (PB) tem desde então trazido questões importantes para a Teoria. Dentre os pesquisadores que contribuíram para o desenvolvimento da Teoria Gerativa e para a divulgação do Brasil como um importante ator na pesquisa em linguística está a professora Sonia Cyrino, homenageada no III Encontro de Gramática Gerativa.

Em sua tese de doutorado intitulada “O objeto *nulo* no português do Brasil - um estudo sintático-diacrônico”, a professora apresenta diversas propostas a respeito do estatuto sintático do objeto nulo e mostra suas inadequações para dar conta do fenômeno no português brasileiro. Através do exame de elementos fóricos que podem ocorrer na posição de objeto e a partir da observação do

comportamento de certos pronomes e de elipse de VP, a autora propõe que o objeto nulo do PB seja o resultado do mesmo processo operante nesses fenômenos. Em relação à análise de dados diacrônicos mostra que o objeto nulo nessa língua surgiu por uma alteração de ordem externa, como uma das opções oferecidas pela gramática para a realização fórica do objeto direto em certas estruturas. A autora mostra que houve uma mudança diacrônica que estendeu a possibilidade de elipse a DPs [-animado, +específico] resultando no objeto nulo com as características que observamos no PB. No PE, era possível ON [-animado, -específico] a novidade então passa a ser na mudança do segundo traço e não do primeiro. De acordo com a autora, essa expansão foi também possível devido a existência de elipse proposicional. Esse trabalho deu suporte a vários estudos subsequentes que se ocuparam de um tema bastante caro à Teoria Gerativa, a existência de estrutura sintática não pronunciada.

Especificamente sobre a categoria objeto, a professora Sonia Cyrino desenvolveu ainda uma série de estudos, tanto individuais como em parceria com importantes pesquisadores de universidades estrangeiras e nacionais. Dentre eles se destacam os estudos que distinguem Objetos Nulos (ON) e clíticos (CYRINO, DUARTE & KATO 2000, CYRINO 2018); o trabalho que distingue a Anáfora de Complemento Nulo (ACN) e ON no PB em comparação ao Português Europeu (PE), escrito em parceria com a professora Gabriela Matos da Universidade de Lisboa (CYRINO & MATOS, 2006); as produções sobre Marcação diferencial de Objeto (DOM) no Português Brasileiro, alguns individuais e outros em parceria (CYRINO 2017, 2021; CYRINO & IRIMIA 2019; CYRINO & ORDONEZ 2016) e, especialmente, os trabalhos que compararam os fenômenos do ON e a elipse, que contribuíram para a delimitação desses fenômenos (CYRINO 2006, CYRINO & LOPES 2013, CYRINO 2015, CYRINO & MATOS 2016, etc).

Sobre a distinção entre ACN e ON, Cyrino e Matos (2006, p.127) mostram que a ACN é lexicalmente restrita e os verbos que legitimam ACN em português não coincidem totalmente com os presentes em Objetos Nulos ou em Elipse de VP. Outra distinção discutida é que enquanto a ACN denota uma proposição ou um predicado, o ON designa uma entidade. Sobre as propriedades semânticas atribuídas ao referentes dos ONs no PB, animacidade e especificidade, apontadas como características fundamentais da distinção no uso do ON ou PP em inúmeros trabalhos, Cyrino (2017) propõe que a variação entre forma nula e pronome pleno na função de objeto no PB poderia estar relacionada à DOM. Em comparação com o espanhol, em que objetos diretos carregando o traço [+animado] são marcados morfológicamente pela preposição *a*, os objetos diretos no PB poderiam, segundo a autora, ser marcados diferencialmente devido ao traço [+animado] que apresentam, mas, diferente do espanhol, a sua realização não estaria relacionada à presença da preposição e sim ao uso do pronome tônico.

Em relação à elipse, Cyrino e Matos (2007) argumentam que o inglês e o português, por contarem com AspP como uma projeção estendida de *v*P, licenciam a Elipse de VP. Por outro lado, em línguas como o alemão, o francês e o espanhol, Asp estaria altamente gramaticalizado e não seria uma extensão de *v*P, por isso sua interposição impediria T de c-comandar imediatamente *v*P. Já no Português Europeu (PE) e no inglês o licenciador do VP Elíptico é T, enquanto no PB a Elipse de VP pode ser licenciada por outros núcleos funcionais: T, Asp ou Particípio Passado (CYRINO & MATOS 2002).

Cyrino e Matos (2007) explicam ainda que em línguas em que o verbo sobe para T (ou C-T) a variação paramétrica em relação aos traços de Asp pode ser descrita da seguinte forma: Asp selecionado por T tem um traço [\pm predicativo] e um traço [\pm tempo] e só em línguas em que Asp tem um traço + predicativo (AspP-*v*P), T c-comanda imediatamente *v*P. Assim, o único requisito para o licenciamento da Elipse de VP é a relação de c-comando local do núcleo funcional

instanciado pelo item verbal sobre o predicado elíptico. Se no PB o licenciamento envolve núcleos funcionais abaixo de T (Aspecto Gerundivo Progressivo e o Particípio Passado Passivo), todos têm o licenciador ocupando um núcleo funcional concatenado com o *vP* elíptico.

Explorando um pouco mais as categorias flexionais no PB, Cyrino (2013) retoma trabalhos que relacionam a riqueza de concordância ao movimento de verbo de V para T e mostra que o PB perdeu formas verbais sintéticas e tem exibido características de línguas que apresentam apenas uma forma para os três tempos (passado, presente e futuro). Com isso, a autora argumenta que o verbo no PB apresenta características não mais de tempo, mas de aspecto (perfectivo, progressivo) e se move apenas parcialmente, para uma projeção mais baixa que TP, ou T1 em sua análise.

Cyrino e Lopes (2016) argumentam ainda em favor da hipótese de que o núcleo funcional Aspect seja o licenciador de Elipse de VP no PB e acrescentam que objetos nulos anafóricos nessa língua são, na verdade, casos de elipse de DP igualmente licenciados por um núcleo aspectual lexicalizado, consequência da perda de movimento generalizado. Segundo as autoras, os objetos nulos anafóricos apresentam no PB algumas propriedades que não são observadas em outras línguas: (i) podem ocorrer em ilhas; (ii) se referem a antecedentes [-animados]; (iii) permitem tanto a leitura estrita quanto *sloppy*[1] e (iv) não podem fazer referência ao sujeito matriz.

Outro tema de pesquisa importante foi desenvolvido por Cyrino em parceria com a professora Maria Teresa Espinal da Universidade Autônoma de Barcelona (CYRINO & ESPINAL 2014, 2015), a saber, a presença de nomes nus no singular morfológico não especificados apenas para nomes massivos. Esse tema é bastante relevante para a Teoria, uma vez que a especificidade do PB não estava prevista em estudos sobre o tema.

No parâmetro proposto por Chierchia (1998), por exemplo, haveria três tipos de línguas em relação aos traços que marcam as possíveis denotações de N e SN: (i) Línguas [+arg, -prep], em que há a obrigatoriedade de nomes nus denotarem entidades, como no chinês; (ii) Línguas [-arg, +prep], como a maioria das línguas românica, em que Ns e SNs não denotam indivíduos, mas um conjunto de indivíduos e a denotação é apenas predicativa; e (iii) Línguas [+arg, +prep], que utilizam singular nu apenas para nomes massivos e plural nu apenas para nomes contáveis, caso do inglês. Sobre esse assunto, Cyrino & Espinal (2015) argumentam que há dois tipos de nomes nus no PB: o que elas chamam de nomes nus reais, aqueles contáveis não especificados para número e definitude, e nomes nus definidos, mas morfologicamente não especificados para número, interpretados como expressões do tipo entidade. Esse estudo parte do postulado de que o PB pode apresentar D nulo e propõe que a marcação de plural é sintaticamente codificada em D.

Além dos estudos acima referidos, Sonia realizou ainda pesquisas sobre negação, complementação e trabalhos diacrônicos que não tratamos por razão de espaço, mas que também contribuíram para o desenvolvimento da Teoria Gerativa e da pesquisa linguística no Brasil e que deixamos como sugestão de leitura.

2.2 Homenageada II: Maria Eugênia Duarte

Maria Eugênia Duarte, a segunda homenageada no III EGG, se destaca pela contribuição aos estudos de variação e mudança, aliando os pressupostos da Teoria de Variação e Mudança e da Teoria Gerativa, o que a torna uma importante pesquisadora na área da variação paramétrica, tal como proposto por Tarallo e Kato (1989 [2007]), em seu artigo seminal "Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística". A partir daí, o quadro teórico gerativista sobre

os estudos da mudança linguística, pelo menos no Brasil, ganha no aparato da descrição empírica e do tratamento estatístico dos dados, vindo da Teoria de Variação e Mudança. A associação de dois modelos teóricos tão distintos na sua concepção - um modelo que pressupõe que a variação linguística é intralinguística e que toda língua é um sistema heterogêneo, por um lado, e um modelo que concebe a variação linguística como interlinguística, tendo em vista que a variação dá lugar a marcações paramétricas distintas, por outro - pode a princípio parecer incompatível. Entretanto, a associação feita nos moldes de Tarallo e Kato (1989[2007]) e nos demais trabalhos que têm sido desenvolvidos nesse quadro teórico tem mostrado que o poder explicativo e descritivo sobre a linguagem fica mais preciso.

O seu Doutorado na Unicamp, sob a orientação de Mary Kato, devido à partida prematura de F. Tarallo, abriu a linha de pesquisa desenvolvida até hoje por ela sobre as mudanças ocorridas na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo no Português Brasileiro. O primeiro trabalho, ainda no Doutorado, em que o tema é investigado, foi sobre o percurso diacrônico do sujeito pronominal no Português Brasileiro em peças brasileiras escritas entre os séculos XIX e XX (Duarte, 1993 [2018]). Os resultados podem ser resumidos em dois eixos: a caracterização descritiva do PB e a contribuição para o entendimento do Parâmetro do Sujeito Nulo. Os resultados empíricos mostram uma diminuição nos índices de sujeito nulo que saem de 80% na amostra de peças escritas em 1845 e vão para 26% na amostra de peças de 1992. Esses dados empíricos, por si só, já são robustos o suficiente para vermos que há, de fato, uma mudança ocorrendo (ou que tenha ocorrido) e é capturada nos dados diacrônicos. Além disso, Duarte (1993 [2018]) mostra que a mudança ocorre de forma distinta nas três pessoas gramaticais - 1a., 2a. e 3a., - e isso põe em cheque, de certo modo, a ideia até então tida sobre as línguas de sujeito nulo apresentarem um sistema flexional rico. Nas palavras da própria:

Tal crescimento de sujeitos expressos, entretanto, não corresponde a uma relação direta com a ambiguidade da forma verbal, ou seja, sujeito exposto **se** flexão não distintiva / sujeito nulo **se** flexão distintiva, nem a mudança se dá de maneira regular nas três pessoas do discurso. (DUARTE, 2016:37)

Tais resultados são importantes, do ponto de vista teórico, porque começam a pôr em cheque a ideia de que se tinha até então sobre línguas com paradigma flexional rico serem positivamente marcadas para o PSN e línguas com paradigma pobre não. Isso porque nos dados analisados por Duarte, a 3a. pessoa é o contexto de resistência do sujeito nulo, apresentando índices mais baixos de sujeito nulo, em comparação com a 1a. e a 2a. pessoas. Investigando mais de perto o comportamento da 3a. pessoa, ela analisa os dados com base em Calabrese (1986) sobre o antecedente do sujeito nulo: as restrições estruturais e de referência são analisadas. Os resultados mostram que a mudança ocorre na correferência do sujeito, nas palavras de Duarte (1993[2018]:94):

"nas cinco primeiras sincronias, o sujeito é categoricamente nulo nos contextos em que há correferência entre os sujeitos de uma principal e uma subordinada [ex. 1a]. Só nas duas últimas, já se encontra um percentual de preenchimento que supera o sujeito nulo em tais contextos (66% e 71%, respectivamente), como mostra [1b]:"

- (1) a. Diz [d. Zélia]_i que, depois de sua série de banhos de mar em Copacabana, talvez [0]_i volte novamente para aqui. (*O hóspede do quarto n. 2*, Armando Gonzaga 1937)
- b. Está provado que, se [a criança]_i não recebe uma alimentação eficaz, ela_i fica em desvantagem para o resto da vida. (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992)

Esses resultados levaram Duarte (1993[2018]) a tecer considerações sobre aquisição, tendo em vista, não só os índices de sujeito nulo que diminuem ao longo do tempo, mas também os contextos em que o sujeito passa a ser pleno; nas suas palavras:

Ora, se considerarmos (a) que o corpus analisado parte de uma ocorrência expressiva de sujeitos nulos em independentes (79%) e principais (72%) em

1845 e chega a 29% nas independentes e 13% nas principais em 1992, e (b) que existe hoje na língua coloquial um uso cada vez mais frequente do sujeito duplamente preenchido, referido como construção de deslocamento à esquerda (cf. Galves, 1993[2018]), teremos elementos para supor que a tendência é, de fato, uma redução ainda mais significativa de ocorrências de sujeito nulo. Dificilmente a criança encontrará nos dados linguísticos a que é exposta evidências suficientemente robustas de opcionalidade na representação fonética do sujeito. Considerando a hipótese de que a mudança se implementa a partir dos contextos-raiz, não é de estranhar que os dados ainda revelem uma ocorrência mais expressiva de sujeitos nulos nas subordinadas. A maior resistência desses contextos reside exatamente na correferência com o sujeito da matriz. Mas lembramos que a implementação já atinge o sujeito com um antecedente acessível na principal. (DUARTE, 1993[2018]:97)

Pela passagem acima, notamos que a interpretação dos resultados quantitativos leva a uma reflexão sobre aquisição do PB em contexto de mudança. De fato, Duarte (2016), ao retomar os resultados das suas pesquisas, aponta para a existência, nas amostras de peças, de um contexto de gramáticas distintas, nos termos de Kroch (1989). A curva de mudança que se vê em direção ao aumento dos índices de sujeito pleno, e como o sujeito pleno se implementa nos contextos sintáticos analisados pode ser interpretada como sendo uma curva em que os dados de Língua-E revelam Linguas-I distintas.

A investigação sobre o tema continua na Tese de Doutorado "A perda do Princípio Evite Pronome no Português Brasileiro" (1995), em que a autora investiga o sujeito nulo num corpus de fala do Projeto NURC/RJ, com gravações dos anos 1990. Na tese, além de observar os fatores condicionantes, ou as restrições sintáticas para o sujeito nulo, Duarte (1995) faz uma análise da mudança em tempo aparente, considerando a faixa etária dos indivíduos como um fator condicionante do sujeito pleno. Seus resultados mostram que os índices de sujeito pleno nos indivíduos mais jovens é mais alto do que nos indivíduos mais velhos. Além disso, a análise é refinada e agora são consideradas restrições envolvendo a referencialidade do sujeito. Os dados mostram que os índices de

sujeitos plenos são mais altos com sujeitos mais referenciais e mais baixos com sujeitos menos referenciais.

Os trabalhos de Duarte (1993[2018]; 1995) sobre sujeito e os resultados de Cyrino (1994; 2000) sobre o objeto direto foram importantes para a comprovação do que ficou conhecido como escala de referencialidade, que aparece, pela primeira vez em Cyrino, Duarte e Kato (2000). Segundo as autoras, a categoria vazia objeto e a categoria vazia na posição de sujeito seguem uma escala de referencialidade que vai de referentes [-referenciais] até [+referenciais]. Nas palavras de Duarte (2016:40):

Segundo a hierarquia proposta, os argumentos com o traço [+h] se situariam no ponto mais alto da hierarquia, enquanto os não argumentos se situariam no ponto mais baixo. Assim, os pronomes de 1^a. e 2^a. pessoas, inerentemente [+h], estão no ponto mais alto da hierarquia, seguidos da 3^a. pessoa, em que os traços [±humano] e [±animado] interagem com o traço [±específico]. Num ponto ainda mais baixo estariam os pronomes que retomam uma proposição (uma estrutura oracional), ou seja, os pronomes neutros; finalmente, no extremo oposto, estariam os não argumentos, elementos sem conteúdo semântico, representados foneticamente na posição de sujeito em algumas línguas e categoricamente nulos em outras. (DUARTE, 2016:40).

A partir da Tese, M. Eugênia Duarte tem se debruçado no entendimento de como as mudanças ocorridas no Português Brasileiro afetaram a marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo, e em vários aspectos relacionados não só à caracterização empírica do Português Brasileiro, mas também a discutir questões relacionadas à parametrização das línguas da România Nova, em comparação com a România Velha. Assim, ela tem participado de grupos e de projetos de pesquisa interinstitucionais, contribuindo tanto para os estudos empíricos sobre o Português Brasileiro, como para a Teoria Gerativa.

M. Eugênia integrou a equipe de pesquisa do PEUL/UFRJ, Programa de Estudos sobre o Uso da Língua, e de lá formou parcerias com Conceição Paiva, que renderam publicações sobre questões relacionadas à questão da mudança

linguística em tempo real e a associação de condicionamentos sociais nos fenômenos estudados. (Paiva e Duarte, 2003). Ainda na UFRJ, M. Eugênia atuou no Projeto NURC/RJ, Projeto da Norma Urbana Culta, não só com trabalhos em parceria, mas na orientação de teses e dissertações com base no Corpus NURC. A análise comparativa de duas amostras com indivíduos com grau de escolaridade distintos (PEUL, ensino fundamental; NURC, ensino superior) contribuiu com mais uma peça do quebra-cabeça sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo no PB: tanto na amostra de fala do PEUL, quanto na amostra de fala do NURC, os índices de sujeito nulo são baixíssimos (20%-29%); apesar de as diferenças existentes na marcação da concordância verbal. Tais resultados, mais uma vez, colocam em cheque a questão do paradigma flexional rico como primordial para uma marcação positiva do PSN.

Com relação aos estudos diacrônicos, Duarte participa ativamente do PHPB - Projeto para a História do Português Brasileiro - de âmbito nacional, que tem seus trabalhos iniciados no final dos anos 1990's e até hoje segue na investigação, com a consolidação dos resultados em Duarte (2007; 2018), Berlinck, Cyrino, Coelho, Duarte, Martins (2016).

Além de estar envolvida em parcerias nacionais, M. Eugênia também tem estabelecido parcerias internacionais, como membro integrante de Projetos de pesquisa interinstitucional UFRJ - Universidade de Lisboa, tais como o Projeto VARPORT (Variedades Contrastivas do Português), coordenado por Silvia Brandão (UFRJ) no Brasil e Maria Antónia Mota (Univ. de Lisboa) e o projeto Concordância, coordenado no Brasil, por Silvia Vieira e em Portugal por Maria Antónia Mota. Ainda em âmbito de Projetos com pesquisadores do exterior, vale ressaltar a sua participação no Romania Nova (Projeto coordenado por Mary Kato (Unicamp) e Francisco Ordoñez (SUNY, Stone Brook University, NY)). Tais participações têm rendido publicações sobre a comparação entre o PB e o PE, como, por exemplo, a publicação do capítulo "Aspectos contrastivos entre o

português do Brasil e o português europeu", na Gramática do Português, organizada por Raposo, Bacelar do Nascimento, Mota e Mendes (Duarte, 2020).

Em parceria com Pilar Barbosa (Universidade do Porto) e Mary Kato (UNICAMP), M. Eugênia Duarte mostra que os resultados quantitativos que diferenciam PB de PE, com relação aos índices de sujeito nulo podem ser interpretados como uma diferença paramétrica existente com relação ao tipo de categoria vazia que aparece na posição de sujeito: no PB, o sujeito nulo é uma anáfora pronominal e no PE, é um pronome (Barbosa, Duarte e Kato, 2005).

O projeto de pesquisa sobre a mudança na marcação do PSN no Português Brasileiro tem levado M. Eugênia Duarte a investigar aspectos específicos sobre a categoria sujeito nulo no PB: partiu dos sujeitos referenciais, passando pelos de referência definida e indefinida/indeterminada e o encaixamento da mudança em sentenças infinitivas e nas construções de hiperalçamento (Duarte, 2007, 2008; Cavalcante, Duarte, 2009). A partir dos sujeitos menos referenciais, Duarte tem investigado os sujeitos nulos de referência estendida, que têm como antecedente uma oração (Duarte, Mourão, Guimarães, 2012; Duarte, 2012).

Em parceria com Marins e Soares da Silva (Marins, Soares da Silva e Duarte, 2017), M. Eugênia revisita os dados de sujeitos com referência indeterminada que foram analisados em Duarte (1995) com o intuito de investigar como se dá a mudança na marcação do PSN nesses sujeitos. Os autores propõem que as diferentes estratégias de indeterminação do sujeito podem ser divididas em três grupos relacionados ao grau de referencialidade. A mudança nos sujeitos de referência indeterminada é analisada como um encaixamento da mudança no PSN, que obedece a uma escala de referencialidade envolvendo os sujeitos indeterminados, que vai da estratégia que exclui totalmente o falante à estratégias que incluem o falante.

Além dos trabalhos sobre sujeito nulo, M. Eugênia Duarte tem investigado sobre ordem de constituintes; a relação entre ordem de constituintes e estrutura informacional da sentença; colocação pronominal, entre outros fenômenos.

Nesta seção, foi dado destaque aos trabalhos sobre sujeito nulo, por eles reunirem, ao longo dos anos, uma única pergunta investigativa: como se dá a mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo no PB? E para responder a essa pergunta, M. Eugênia Duarte tem aliado as análises quantitativas ao quadro teórico gerativista, principalmente no que tange às restrições para o sujeito nulo no PB. A própria autora, em sua conferência para professora titular da UFRJ, retoma quatro dos cinco princípios de mudança propostos por Weinreich, Labov e Herzog (1968[2006]): o problema das restrições (ou condicionamentos); da implementação, da transição e do encaixamento. Com relação ao encaixamento, Duarte (2016) afirma:

No caso do encaixamento linguístico, a falta de uma teoria linguística nos deixaria sem resposta; no caso do encaixamento social, que é ponto de partida na constituição de nossas amostras, este é uma constante em toda a pesquisa sociolinguística, embora seja preciso ter ciência de que, nos estágios iniciais e finais de uma mudança, as correlações com fatores sociais são mais difíceis de capturar.

Desse modo, vemos a preocupação em partir de uma teoria linguística na investigação dos problemas da mudança linguística. E a teoria gerativa é a base para as perguntas que M. Eugênia Duarte tem feito acerca da mudança paramétrica que ocorre no PB. Além de observar o aumento nos índices de sujeito pleno - seja ao longo do tempo, seja na fala de indivíduos mais jovens - Duarte vem perguntando: em quais contextos sintáticos o sujeito nulo é permitido? Qual o traço de referencialidade do sujeito nulo? Em que lugar na escala de referencialidade está o sujeito nulo? Que outro fenômeno sintático muda junto com a mudança no sujeito nulo? A mudança na posição do sujeito está

relacionada com a mudança no sujeito nulo? Qual a natureza da categoria vazia na posição de sujeito?

3 OS TEXTOS DESTE DOSSIÊ

O dossiê *Estudos Formais no Brasil* é resultado da seleção de trabalhos apresentados no III Encontro de Gramática Gerativa, realizado entre os dias 1 e 3 de setembro de 2021 pela Universidade Federal da Bahia. O evento contou com palestras de nomes consagrados assim como pesquisadores jovens da Teoria Gerativa de vários lugares, como Andrés Saab (CONICET), Esmeralda Negrão (UFBA), Fernanda Cerqueira (UFBA), Francisco Ordóñez (Stony Brook), Jairo Nunes (USP), Maria Teresa Espinal (UAB), Mary Kato (UNICAMP), Mayara Nicolau (UFMG), Ruth Lopes (UNICAMP), além das homenageadas, Sonia Cyrino (UNICAMP) e Maria Eugênia Duarte (UFRJ).

O III EGG, realizado ainda no período da pandemia da covid e de forma remota, permitiu que pesquisadores de diversas instituições voltassem a se reunir e discutir suas pesquisas. O volume conta com trabalhos de temas voltados ao estudo da gramática, abordados a partir de propostas recentes da Teoria.

O primeiro trabalho, de Mary Kato, intitulado **O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O SISTEMA DE REFERÊNCIA NAS LÍNGUAS NATURAIS** propõe que as línguas naturais podem apresentar duas estratégias para fins de referência: a partir do uso de pronomes ou de nomes. O estudo propõe ainda que as línguas [+pronominais] são aquelas classificadas como Línguas de Proeminência de Sujeito, enquanto aquelas que fazem uso de nomes seriam as classificadas como de Proeminência Discursiva, já o PB seria uma língua mista por fazer uso sistemático tanto de nomes quanto de pronomes.

Em seguida temos o trabalho **EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS DE MUDANÇAS ENCAIXADAS NO PB A PARTIR DOS TRABALHOS DE**

DUARTE (1992, 1993 E 1995): DA EXPANSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL EXPRESSO ÀS ESTRUTURAS DE FOCALIZAÇÃO em que a autora, Mayara Nicolau de Paula, retoma os três trabalhos produzidos por Maria Eugênia Duarte nos anos 90, buscando estabelecer relações entre as evidências encontradas pela autora e a mudança de paradigma na pesquisa descritiva e interpretação do papel do sujeito pronominal no desencadeamento de outras mudanças na gramática do PB.

Jairo Nunes, no trabalho intitulado **“TOPIC-SUBJECT” CONSTRUCTIONS IN BRAZILIAN PORTUGUESE AND MINIMALITY WITHIN THE AGREE MODEL**, parte do modelo de Agree de Chomsky (2000, 2001, 2008) para propor uma análise para as construções de “tópico sujeito” que leva em conta as propriedades da conexão C-T no PB. Na proposta, apresenta-se como ponto central na derivação desse tipo de construção o uso generalizado de Caso inerente na língua.

Na sequência temos o trabalho **THE ROLE OF SEMANTIC REFERENTIAL DEFICIENCY IN CABO-VERDEAN CREOLE SUBJECT EXPRESSION: VARIABLE CHOICE OF THIRD PERSON REFERRING DEVICE**, em que Adrián Rodríguez-Riccelli investiga a referência não humana, não específica e indefinida (‘deficiência semântica referencial’) na expressão variável dos sujeitos de terceira pessoa nas variedades do crioulo cabo-verdeano faladas nas ilhas de Santiago e do Maio. Segundo o autor, os resultados mostram o papel dos referentes não humanos e coletivos na seleção de sujeitos nulos.

O trabalho seguinte **THE ADEQUACY OF THE ANIMACY SCALE TO DESCRIBE DIFFERENTIAL OBJECT MARKING IN PORTUGUESE**, de autoria de Aline Jéssica Pires, investiga a adequação da escala de animacidade para descrever os casos de Marcação Diferencial de Objeto (MDO) na história do português. Segundo a autora, os resultados preliminares indicam que a

animacidade como propriedade binária permite tanto explicar os casos inesperados como realizar previsões sobre as ocorrências.

Pedro Surreaux e Luiz Carlos Schwindt, no artigo **MARCAÇÃO DE GÊNERO GRAMATICAL EM FORMAÇÕES NOVAS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO** tratam dos fatores envolvidos na atribuição de gênero gramatical a novos substantivos em português brasileiro, analisando empréstimos do inglês. Segundo os autores, os resultados mostram que nestes empréstimos prevalece a atribuição por analogia semântica.

Por fim, no trabalho intitulado **ELA FALOU CLARO: UM ESTUDO SOBRE ADJETIVOS QUE MODIFICAM RAÍZES**, Janayna Carvalho e Aline Rodrigues-Oliveira analisam um subtipo de modificação adjetival dentro do sintagma verbal exemplificado por sentenças como *Ela falou claro*. As autoras propõem que nesse tipo de sentença a raiz é modificada pelo adjetivo antes de ser categorizada como um verbo, o que é possível para raízes com um componente entidade.

Esperamos que desfrutem do dossiê e esperamos vê-los em 2023 no IV Encontro de Gramática Gerativa, que será realizado aqui na Universidade Federal da Bahia, em homenagem a Ruth Lopes e Jairo Nunes.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, P.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, p. 11-52, 2006.
- BERLINCK, R. A.; COELHO, Izete; CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E. L.; MARTINS, M. A. Mudança sintática e a história do PB nos séculos XIX e XX. In: ARAÚJO SÁ Jr, L.; MARTINS, M. A.. (Org.). *Rumos da Linguística Brasileira no Seculo XXI: historiografia, gramática e ensino*. 1a.ed. São Paulo: Blucher ed., 2016, v. 1, p. 155-187.

CARVALHO, D.; SOUSA, L. Gramática Gerativa em Perspectiva: Escopo, Objetivos e Estrutura. In: CARVALHO, D.; SOUSA, L. (Orgs.). *Gramática Gerativa em Perspectiva*. São Paulo: Editora Blucher, 2018, p. 7-24.

CAVALCANTE, S. R. O.; DUARTE, M. E. L. Arbitrary Subjects of infinitival clauses in European and Brazilian Portuguese. In: STAVROULA TSIPLAKOU, MARILENA KARYOLEMOU & PAVLOS PAVLOU. (Org.). *Language Variation: European Perspectives II*. Amsterdam: John Benjamins, 2009, v. , p. 47-57.

CHIERCHIA, G. Reference to Kinds across Language. *Natural Language Semantics* v. 6, p. 339-405, 1998.

CHOMSKY, Noam. Novos horizontes nos estudos da linguagem. *D.E.L.T.A.*, v. 13, n. especial, p. 49-72, 1997.

_____. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. *Knowledge of Language: Its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

_____. *Reflections on language*. Nova Iorque: Pantheon, 1975.

_____. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge/Massachusetts: The MIT Press, 1965.

_____. *Syntactic Structures*. Nova Iorque/Berlin: Mouton de Gruyter, 1957.

CYRINO, S. M. L. *O Objeto Nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. 1994. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas.

_____. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt, Editorial Vervuert/Iberoamericana, 2000:163-184.

_____. Algumas questões sobre a Elipse do VP e Objeto Nulo em PB e PE. Trabalho apresentado na Mesa-Redonda Teoria Gramatical e Descrição do Português, no II Seminário de Pesquisa do PPG em Linguística e Língua Portuguesa, UNESP, Araraquara, 2002. Não publicado.

_____. Anáfora do complemento nulo na história do português brasileiro. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (Orgs.). *Para a história do português brasileiro*. V. VI: Novos dados, novas análises. Tomo I, Salvador: EDUFBA, 2006. p. 45-72.

_____. On richness of tense and verb movement in Brazilian Portuguese. In: CAMACHO-TABOADA, V.; JIMÉNEZ-FERNÁNDEZ, A.; MARTÍNEZ-FERNÁNDEZ, J.; REYES-TEREDOR, M. (eds.). *Information Structure and Agreement*. Amsterdam: John Benjamins, 2013, p. 297-317.

_____. Reflexões sobre a marcação morfológica do objeto direto por a em português brasileiro. *Estudos Linguísticos e Literários*, v. 58, n. Especial, p. 83-103, 2017.

_____. Animacidade na sintaxe: uma abordagem formal para as hierarquias de referencialidade. *REVISTA DA ANPOLL (ONLINE)*, v. 1, p. 221-237, 2018.

_____. Brazilian Portuguese null objects and Spanish differential object marking.. In: András Bárány;Theresa Biberauer; Jamie Douglas; Sten Vikner. (Org.). *Syntactic Architecture and Its Consequences III: Inside syntax*. 1ed.Berlin: Language Science Press, 2021, v. 3, p. 399-427.

CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M.A.; NEGRÃO, E.V. (Eds.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt am Main: Vervuert/ Madrid: Iberoamericana, 2000. p. 55-73.

CYRINO, S. M. L.; IRIMIA, M.A. Differential Object Marking in Brazilian Portuguese. *Revista Letras*, n. 99, p.177-201, 2019.

CYRINO, S. M. L.; MATOS, G. Anáfora do Complemento Nulo: anáfora profunda ou de superfície Evidência do Português Brasileiro e Europeu. *Letras de Hoje*, v. 41, n. 1, p. 121-141, 2006.

_____. Elipse do VP e Variação Paramétrica. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 49, v. 2, p. 195-206, 2007.

_____. Null objects and VP ellipsis. In: W. Leo Wetzels; Sergio Menuzzi; João Costa. (Org.). *The Handbook of Portuguese Linguistics*. 1ed.Oxford: Wiley-Blackwell, 2016, v. , p. 294-317.

CYRINO, S. M. L.; LOPES, R. Null objects are ellipsis in Brazilian Portuguese. *The Linguistic Review*, n. 33, p. 483-502, 2016.

_____. On null objects and ellipses in Brazilian Portuguese. In: Christina Tortora; Marcel den Dikken; Ignacio L. Montoya; Teresa O'Neill. (Org.). *Romance Linguistics 2013 - Selected papers from the 43rd Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL)*, New York, 17-19 April, 2013. 1ed.Amsterdam: John Benjamins, 2016, v. , p. 257-276.

CYRINO, S. M.L.; ESPINAL, M. T. Bare Nominals in Brazilian Portuguese: more on the DP/NP analysis. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 33, p. 471-521, 2014.

DUARTE, M. E. *Memorial para concurso de Professor Titular*. 2011. Memorial (Faculdade de Letras), Universidade Federal do Rio de Janeiro.

KATO, M.A.; RAMOS, J. Trinta anos de Gramática Gerativa no Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 15, p. 105-146, 1999.

RIBEIRO, I. *A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas.

_____. *O papel do traço [+acordo] em construções com infinitivo flexionado*. 1988. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística), Universidade Federal da Bahia.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português brasileiro. In: Roberts, Ian & Kato, Mary A. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, SP: ED. DA UNICAMP, 1993, p. 107-128. [Reeditado em I. Roberts; M. A. Kato. (Org.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 1a. ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 83-104.]

_____. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Campinas, Campinas, 1995.

_____. Sobre outros frutos de um projeto herético: o sujeito expletivo e as construções de alçamento. In: A. Castilho; Maria Aparecida T. Moraes; R. E. V. Lopes; S. M. L. Cyrino. (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. 1a. ed. Campinas: Pontes/FAPERJ, 2007, v. , p. 35-48.

_____. O sujeito de referência indeterminada em sentenças infinitivas. *Revista do GEL (Araraquara)*, v. 5, p. 9-30, 2008

_____. A representação dos sujeitos de “referência estendida”: um estudo diacrônico. In: LOBO, Tânia et alii. (Org.). *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. 1a.ed. Salvador: EDUFBA, 2012, v. 1, p. 123-135.

_____. Empirismo e formalismo na investigação da mudança linguística em curso. *Diadorim* (Rio de Janeiro), v. Especial, p. 31-60, 2016.

_____. O sujeito nulo no português brasileiro. In: Cyrino, S; Torres-Moraes, M. A. (Org.). *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*. 1a. ed. São Paulo: Contexto, 2018, v. 1, p. 26-71.

_____. O sujeito nulo referencial no português brasileiro e no português europeu. In: Galves, C.; Roberts, I.; Kato, M. A. (Org.). *Português Brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. 1ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2019, v. 1, p. 93-126.

_____. Aspectos contrastivos entre o português do Brasil e o português europeu. In: Raposo, E.; Bacelar do Nascimento, M. F.; Mota, M. A; Mendes, A.. (Org.). *Gramática do Português*, v. III. 1ed. Lisboa: Gulbenkian, 2020, v. 3, p. 2735-2779.

_____.; MOURAO, G. C.; GUIMARAES, L. S. A retomada dos sujeitos proposicionais: categoria vazia ou demonstrativo neutro? In: Duarte, M. E. L. (Org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. 1a. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, v. 1, p. 69-82.

KROCH, Anthony. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language, Variation and Change*, v, 1, p. 199-244, 1989.

MARINS, J. E.; Soares da Silva, H.; DUARTE, M. E. L. Revisiting Duarte (1995): For a gradient analysis of indeterminate subjects in Brazilian Portuguese. *Diadorim* (Rio de Janeiro), v. 19, p. 140-174, 2017.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (orgs) *Mudança Linguística em Tempo Real*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

TARALLO, Fernando; KATO, Mary A. Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística. In: *Preedição 5*. Campinas, Unicamp, 1989, 315-353. [Reeditado em *Diadorim* (Rio de Janeiro), v. 2, 2006,13-42,]

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968) Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMAN, W; MALKIEL, Y. (eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 97-195. (Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006)